

OLIVEIRA, José da Veiga. *Il Guarany: projeção de genialidade.* 0 Esta-
de São Paulo, São Paulo, 28 out. 1973.

"IL GUARANY"

PROJEÇÃO DE GENIALIDADE

JOSÉ DA VEIGA OLIVEIRA

Em 1959, a gravadora **Chantecler** publicou, na íntegra (CMG-5.001, 3 Lps) a ópera em quatro atos **Il Guarany** (assim se deve escrever, pelo original), de Antonio Carlos Gomes (1836-1896), nas interpretações do tenor Manrico Patassini (Peri), soprano-ligeiro Niza de Castro Tank (Cecy), barítono Paulo Fortes (Gonzales), baixos José Perrotta (Dom Antonio de Mariz), Juan Carlos Ortiz (Cacique); solistas outros; Coral de São Paulo (Regente: Oreste Sinatra), e Orquestra Sinfônica Municipal, sob regência do maestro Armando Belardi.

Catorze anos mais tarde, o grande melodrama romântico retorna a catálogo, sob diversa apresentação material. Em vez do album habitual, preferiu-se o formato mais prático, funcional, sanfonado, contendo: (a) nota explicativa, de nossa autoria; (b) biografias dos principais intérpretes; (c) **dramatis personae** e respectivos epônimos; (d) elenco de professores da Orquestra Sinfônica e Coral do Departamento Municipal de Cultura; (e) libreto bilingue, estranhamente sem indicar-lhe autoria (Antonio Scalvini) e respectiva transposição vernácula (C. Paula Barros).

A **Chantecler** agiu com honestidade. Relançou a ópera no formato monofônico, sem burlas ao adquirente, poupado ao espúrio **enhanced stereo**, escamoteação técnica de estúdio, tão indesejável quanto inaceitável por seus próprios fundamentos; malandragem supina, perpetrada por gravadoras daqui e d'além-mar. O gabarito sonoro perfilha o de 1959, regulado com o fito de reforço maior da faixa aguda, e a contrapartida lógica de um balanço cogente no centro e graves.

Il Guarany, talvez a primeira ópera gravada na América do Sul, custou à época a respeitável soma de quatro milhões de cruzeiros (dos antigos), calculada unicamente nas despesas técnicas e contratuais, de honorários de personagens e comprimários, sendo que os corpos estáveis da Municipalidade foram cedidos sem onus para os cofres da gravadora. Nessa mesma base, um registro fonográfico orçaria atualmente a incrível casa dos trezentos e cinquenta a quatrocentos mil cruzeiros!

Felizmente, o público soube corresponder. Dez mil albums distribuídos aos revendedores compensaram o avultado investimento artístico.

UM POUCO DE HISTÓRIA

Carlos Gomes nasceu em Campinas, a 11 de julho de 1836, filho de modesto músico provinciano, discípulo que fôra de André da Silva Gomes, primeiro mes-

tre-de-capela da Sé de São Paulo. Desde tenra idade manifestaram-se-lhe dotes musicais. Auxiliava o pai nas lições de música. Já em 1854 compusera **Missa Solene** cantada num dos templos de Campinas. Numa das "repúblicas" de estudantes, compôs em São Paulo o **Hino Acadêmico**, e a deliciosa modinha **Quem sabe?**

Sant'Anna Gomes, seu irmão, convecera-o da imperiosa necessidade de alargar os horizontes intelectuais, libertando-se da constrangedora autoridade paterna. Assim o fez, transferindo-se para o Rio de Janeiro.

Posteriormente, o velho Manuel José perdoou, talvez lá no fundo muito orgulhoso da varonil demonstração de ânimo. Concedeu-lhe mesada, afim de que pudesse estudar com Joaquim Gianini, do Imperial Conservatório. Atenções gerais voltavam-se para Carlos Gomes, após a estréia de duas cantatas. Trabalhou como regente ensaiador da Opera Nacional, antes da execução, em dezembro de 1860, do melodrama **A Noite do Castelo**, libreto de Fernandes dos Reis, decalcado sobre poema homônimo de Antonio Feliciano de Castilho. Houve oito reposições. O jovem compositor de 25 anos foi condecorado por seu fiel protetor, o Imperador Dom Pedro II, com a Ordem da Rosa.

1863 demarcou a estréia de **Joanna de Flandres**, libreto de Salvador de Mendonça.

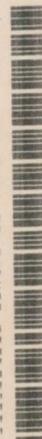
Bolsista do Governo Imperial, partiu para Milão, a fim de estudar harmonia, contraponto, composição com Lauro Rossi. Em récita de gala, o Teatro La Scala apresentou, a 19 de março de 1870, **Il Guarany**, libreto de Antonio Scalvini, inspirado no romance de José de Alencar. Como se sabe, foi um sucesso formidável, consagrador, após seis anos de permanência na Itália.

O Teatro Lírico Fluminense, propiciou-lhe verdadeira apoteose, ao ser cantada a ópera, na noite de 2 de dezembro do mesmo ano.

A seguir, o libretista Antonio Ghislanzoni preparou-lhe o texto poético da **Fosca**, cuja estréia se ressentiu das acirradas polêmicas pró e contra Wagner. Por motivo de certas semelhanças com o princípio do **leit-motiv**, Carlos Gomes foi acusado de wagneriano, com a agravante de ser estrangeiro em solo italiano. Mário de Andrade, a quem se deve análise definitiva sobre **Fosca** (1), considera-a obra-prima do melodrama dramático italiano. Friamente recebido na estréia, somente obteve sucesso em 1878, após revisão completa da partitura.

Salvator Rosa estreou a 24 de março de 1874, no Teatro Carlo Felice, de

Biblioteca Centro de Memoria - Unicamp

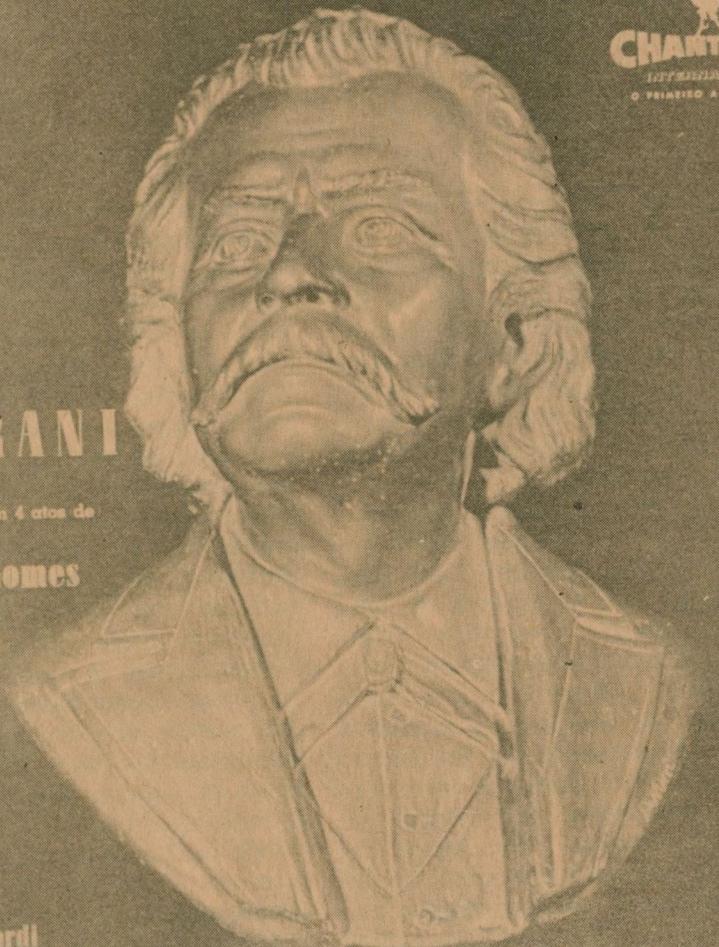


CMUHE010052

F. 1

OLIVEIRA, José da Veiga. Il Guarany: projeção de genialidade. O Estado de São Paulo, São Paulo, 28 out. 1973.

Operas de D. ASTOR



CHANTECLER
INTERNACIONAL
O PRIMEIRO A SER OUVIDO

GUARANI

Ópera completa em 4 atos de
A. Carlos Gomes

Regente:
Armando Belardi

OLIVEIRA, José da veiga. **II Guarany: projeção de genialidade.** O Estado de São Paulo, São Paulo, 28 out. 1973.

Genova, com grande êxito. Daí partiu para **Maria Tudor** (1879), fracasso de estréia, por motivo da violenta e implacável politicagem musical. Os adversários compareceram para destruir o espetáculo, utilizando inconfessáveis recursos.

Ao insucesso do melodrama, somou-se a tragédia doméstica, a separação definitiva do casal, e a perda do primogênito, criança ainda.

No Rio, Carlos Gomes encontrou-se com o Visconde de Taunay. Inspirado pela fervilhante campanha abolicionista, o autor de **Inocência** ofertou-lhe rascunho para uma nova ópera, **Lo Schiavo**, libreto de Rodolfo Paravicini, estreada no Teatro Lírico do Rio, 27 de setembro de 1889.

Gomes aguardava sua nomeação para a diretoria do Conservatório Imperial de Música. Entrementes, um golpe de Estado implantou a República, frustrando definitivamente as esperanças do compositor, que desabafou com amargura: "No Rio não me querem nem para porteiro do Conservatório!"

Foi o início do melancólico e sombrio crepúsculo. Com bastante sucesso encenou-se **Condor** (1891). No ano seguinte, **Colombo**, oratório ou poema vocal-sinfônico (1892) para o IV Centenário do Descobrimento da América.

Minado por um cancro na língua, aceitou mas não pode assumir o cargo de diretor do Conservatório do Pará. Faleceu em Belém, a 16 de setembro de 1896, longe da família, dos velhos amigos, dos dias de glória, da cidade natal (2).

O MELODRAMA

Andrade Muricy teve oportunidade de assinalar que, muito embora **Fosca**, **Lo Schiavo**, **Condor**, representem progresso técnico quanto ao formulário verdiano, nenhuma se emparelha a **II Guarany** na fatura e qualidade da inspiração melódica, do que resultou impressionante popularidade. Imensa e jubilosa surpresa de uma nação inteira, que verificou possuir entre seus filhos um criador autêntico e vitorioso no terreno operático, único gênero musical dominante e amado com fervor durante todo o século XIX, **II Guarany** integrou-se, desde o início no patrimônio artístico nativo, após a vitória, se bem que circunstancial, no supremo templo da ópera: o "Alla Scala" de Milão. Poetas, romancistas, pintores, contávamos, de merecimento não inferior a Carlos Gomes: Gonçalves Dias, Fagundes Varela, Castro Alves, Victor Meirelles, Pedro Américo, sem esquecer, é óbvio, José de Alencar e Machado de Assis.

De Alencar, "O Guarany", do tipo heróico e legendário a **sir Walter Scott**, com ressaibos de Chateaubriand e de Fenimore Copper, inundara o Brasil de sua música vocabular, colorida e adocicada, tão diversa dos mestres portugueses maiores: Herculano, Garrett, Castilho, Camillo Castello Branco. Ninguém exigia que ali se acusassem minúcias fidedignas etnológicas do indígena. O indianismo, cuja idealização já ocorrera em **I Juca Pirama**, de ressonância trágico-helênica, inspirou Carlos Gomes na ópera de sua estréia internacional.

Melodramas aos milhares ouvira a Europa, desde Peri, Monteverdi, Cavalli, no século XVII até nossos dias, de êxito desigual. Quantos Rossi, Mercadante, De Ferrari, Luporini, Pedrotti, Petrella, Marchetti, Appolloni, Sarria, Usiglio, Cagnoni, Manzocchi, Gobatti, estão olvidados e desdenhados, por vezes como excesso de riqueza, pelos palcos e o público italianos? Ocasionalmente, decide-se montar **La Gioconda** de Amilcare Ponchielli, coevo de Gomes; **Mefistofele** de Arrigo Boito, libretista e colaborador de Verdi, para **Otello** e **Falstaff**.

Carlos Gomes — conclui o esteta de **O Suave Convênio** — tem de ter assegurado, entre nós, o seu posto, não com exclusividade resultante de inércia ou desdém pelos demais autores. Sua presença, alternando as seis óperas e o oratório **Colombo**, é perfeitamente justificada (3).

ENREDO E GRAVAÇÃO

Scalvini, perfilhando a novela de Alencar, situa o melodrama por volta de 1560, proximidades do Rio de Janeiro. O argumento gira em torno dos amores da linda donzela Cecília (Cecy), filha do fidalgo português Dom Antonio de Mariz, e o destemido índio Pery, da tribo Guarani, que salva sua eleita, seja das sinistras maquinações de um bando de aventureiros, chefiados por González, ambicioso e traidor (que no romance de Alencar é o italiano Loredano, mas que, por elementares motivos de prudência, o libretista cuidou de lhe fixar a nacionalidade espanhola...), — seja do ataque das tribos inimigas. A ópera conclui pelo desabamento do castelo, conseqüente à tremenda explosão do paiol subterrâneo, a fuga lírica dos apaixonados, supérstites da catástrofe.

E notório que gravar melodramas torna-se — pelo menos entre nós — verdadeiro desafio. Toda sorte de dificuldades e percalços, capazes de afastar e desiludir os mais afoitos, se erguem para impedir a realização da empresa. **II Guarany** representou para Jairo de Almeida Rodrigues à época diretor artístico da **Chantecler**, e seus dedicados colaboradores, autêntico **tour-de-force**. Que desigualdades haja, molestas, inarredáveis, é fora de dúvida para o mais desprevenido dos amadores de música. Seria supinamente fácil demolir, com meia-dúzia de palavras. Mas, se assim fizéssemos, seríamos injustos quicá mesmo odiosos, faltos de objetividade, porquanto sobram momentos de genuína beleza e grandeza interpretativa, e — o que se torna fundamental — os amadores, que jamais puderam testemunhar o melodrama na ribalta, têm agora, mais uma vez, ensancha de uma idéia bastante exata de sua fisionomia artística. A nosso ver, tal circunstância é bastante para qualificar o album em epígrafe, marco autêntico da fonografia erudita brasileira.

(1) Mário de Andrade, **Fosca** (1873), na Revista Brasileira de Música, vol. 1, fasc. 2, reproduzido pela mesma Revista, Número Especial, consagrado ao I centenário do nascimento de Carlos Gomes, vol. III, fasc. 29, Rio de Janeiro, Instituto Nacional de Música, 1936, pgs. 251-263.

(2) Luiz Heitor Corrêa de Azevedo, 150 Anos de Música no Brasil, Rio de Janeiro, José Olympio, 1956, pgs. 73-89.

(3) Andrade Muricy, **Pelo Mundo da Música**, Folhém do Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, 26 de agosto de 1964.